

Esse é o tema que Suzana Alves Viana apresenta neste livro, como resultado de questões que ela se formulou na tentativa de unir o pensamento teórico à sua prática cotidiana de psicanalisar.

É um texto clínico para os que se interessam pela clínica.

Lançando mão de contribuições teóricas e técnicas desde Freud e Ferenczi, passando por Klein, Bion, Heimann, Fédida e outros, Suzana explora os diferentes enfoques psicanalíticos destes autores e nos oferece uma ampla reflexão histórico/conceitual acerca da contratransferência, o que já confere ao texto uma importante contribuição. Por outro lado, vai tecendo com muita habilidade e cuidado um continente para as questões que formulou e que são o eixo de seu trabalho, tais como: em que medida a contratransferência se diferencia da transferência? A contratransferência é transferência do analista ou ela é criada pelo paciente (via identificação projetiva)? E ainda: a transferência do analisando é que provoca efeitos no analista, ou é a transferência do analista que determina a transferência do analisando?

Desta maneira o texto nos implica profundamente como leitores, pois essas são questões que inquietam o tempo todo, e em algum momento, ao longo da formação, demandam uma significação por parte do analista. Mas onde a autora deixa uma "inscrição", eu diria, é na sua forma de se deixar tomar pelas questões que formula. Esta é uma característica desse texto e, entendo, a que lhe confere a propriedade de um texto analítico. Onde o pensamento da autora aparece mais nitidamente é na apresentação dos casos clínicos - e aí não há possibilidade de repeti-la, não há conclusões. Suzana mostra com autêntica propriedade sua compreensão peculiar sobre a contratransferência e sobre a maneira pela qual esta contribuiu para a constituição de seu lugar de analista, provocando no leitor ressonâncias em seu pensamento, ao se deparar com as mesmas questões, mas remetido ao seu singular.

Tratando a contratransferência como um termo que navega nas mesmas águas da transferência, a autora pontua o prefixo "contra", entendendo que este contém em si

A formação do analista e a contratransferência

Resenha de Suzana Alves Viana, Contra-Transferência - A questão fundamental do analista. São Paulo, Escuta, 1993, 185 p.

a ambiguidade do fenômeno. Este tanto pode ser lido como um momento resistencial e obstaculizador do trabalho analítico quanto pode ser o ponto por onde se organiza a criação de uma interpretação. Pontuarei alguns aspectos.

Inicialmente, a autora estabelece um contraponto entre as posições de W. Bion e P. Fédida, esclarecendo que Bion, psicanalista da escola kleiniana, construiu uma teoria do funcionamento mental onde a identificação projetiva tem um papel determinante, delimitando a contratransferência enquanto resposta emocional do analista provocada pelo paciente.

De outro lado, Fédida, psicanalista francês, de formação freudiana, formula a contratransferência a partir dos "restos não analisados" do analista. Ele não vê a possibilidade de se reduzir estes restos. Supõe que "... ser analista é sê-lo com este resto não-resolvido" (p.35). Portanto o "resto" é condição *de e para* ser analista.

A partir deste ponto-contraponto, isto é, tratando da contratransferência tanto no que se refere à identificação projetiva do paciente quanto dos restos não analisados do analista, Suzana acrescenta outras contribuições teóricas para alcançar sua meta.

Criados por Bion, o termo *réverie* e o conceito de função alfa implicam numa dada condição de dar nome ao que é vivido ainda sem nome. Oferece-se aqui de empréstimo não só a linguagem, mas também a língua materna para

compreender o bebê. Da mesma forma que a mãe empresta sua língua/linguagem para as experiências do bebê, o analista estaria também nesta posição de "empréstimo" em relação ao paciente. Como se configura isto? Segundo a autora: "eu diria que a contratransferência compreendida como produto da identificação projetiva do analisando, é esta "memória" que será vivida no corpo do analista (*dentro dele*), antes de poder virar palavra". Continuando, pergunta-se se a contratransferência, assim compreendida, "poderá representar o resgate dessa memória que, sendo uma manifestação afetiva, precisará de um tempo para reencontrar as imagens, palavras, emblemas, etc., que são formas segundo as quais uma lembrança é reconhecida na memória" (p.63).

A autora, entendendo que a experiência contratransferencial pode implicar na perda da linguagem pelo analista - pois este perde a condição de estrangeiro dentro de si e perde o lugar de dissimetria necessário para a análise - nos lembra que aí não deve haver silêncio, e sugere a construção de um lugar que tentará dar conta de "operar" os fenômenos transferenciais presentes. Pontua este momento como uma possibilidade de fonte de linguagem, "momento constitutivo da interpretação". Assim a angústia contratransferencial passa a ser um recurso que poderá devolver ao analista a condição de escuta e linguagem, deixando de ser somente algo obstaculizador, siderante e mortífero.

O que me parece fundamental neste trabalho é que se abrem perspectivas fecundas para a com-

preensão do que e como se constitui a interpretação, o ato analítico. Como se o lugar do analista fosse um holograma onde se tridimensionalizam as transferências. Mas a perspectiva desta composição holográfica depende de cada analista se implicar com a construção de seu/um lugar interno, onde as transferências passam a ser objeto de análise e operam ali, naquele momento. "De férias da contratransferência... o branco" (Pontalis, 1977).

Desta forma, Suzana abre a possibilidade de se criar um analista para cada paciente com quem se trabalha. E no que se refere à contratransferência descrita nos diferentes enfoques teóricos, ora reforçando a transferência por parte do analisando, ora ao que se refere ao analista, a autora propõe uma saída destas posições binárias (ou/ou), onde as transferências possam ser reconhecidas, diferenciadas, gestadas no tempo e espaço que demandam, nomeadas na palavra analítica, a que produz efeitos e que sai da estereotípia. Para esta operação, cabe a cada analista a construção do lugar que possa abrigar as transferências.

Este trabalho é uma contribuição preciosa para os que estão empenhados com a formação clínica psicanalítica. É um verdadeiro trabalho de *amor pela transferência*, uma vez que do ponto de vista conceitual Suzana propõe um lugar para a transcendência das transferências. Também transcende os limites de um trabalho comum, à medida que, ao deixar-se mostrar "em formação", remete-nos, enquanto leitores, ao mergulho em nossas próprias ambiguidades.

Não há conclusões. Há construção. Há formação.

Rubia Mara Santos do Nascimento é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.